

REVISTA

DA
SOCIEDADE BRASILEIRA
DE
MÚSICA CONTEMPORÂNEA



ANO 3 Nº 03 - 1996

S. B. M. C.

**REVISTA DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE MÚSICA
CONTEMPORÂNEA**

**Nº 3
GOIÂNIA
1996**

SUMÁRIO

VASCO MARIZ	11
Carlos Gomes no centenário de sua morte	
VICENTE SALLES	35
Carlos Gomes e a língua nacional	
JOSÉ MARIA NEVES	47
Brasílio Itiberê, 150 anos	
OSVALDO COSTA DE LACERDA	53
Meu professor Camargo Guarnieri	
RICARDO TACUCHIAN	77
O Brasil no Carnegie Hall	
LUTERO RODRIGUES	83
Yes, nós temos a música	
MARIA HELENA ROSAS FERNANDES	91
Porque a música indígena teve tão pouca participação na formação da música brasileira	
ROSA FUKS	97
Informe preliminar sobre os autógrafos do "Guia Prático" de Heitor Villa-Lobos	
ERMELINDA A. PAZ	105
Villa-Lobos e o Carnaval Antigo - "Sodade do Cordão"	
JORGE ANTUNES	119
SIMC - 74 anos	
CARTA DOS LEITORES	131

Villa-Lobos e o carnaval antigo. "Sodade do Cordão"

Ermelinda A. Paz

Livre Docente em Percepção Musical pela UNI-Rio, lecionou, ali, esta disciplina, assim como na UFRJ e no Curso de Regência Coral Infantil do Projeto Villa-Lobos (Instituto Nacional de Música Infantil do Projeto Villa-Lobos (Instituto Nacional de Música/FUNARTE). Regente e fundadora do Coral Comunitário da UFRJ e do Coral "Os Curumins" da Associação de Canto Coral do Rio de Janeiro. Conferencista, pesquisadora e professora, distingue-se, também, como autora de artigos e livros, tendo sido laureada em diversos concursos de monografias.

VILLA-LOBOS E O CARNAVAL ANTIGO

"SODADE DO CORDÃO"

Ermelinda A. Paz

É importante recordar os costumes dos antigos carnavais, com os animados "cordões" tão apreciados pelo jovem Villa-Lobos, antes de falar no grupo de foliões que ele organizou e ao qual deu o nome de "*Sodade do Cordão*".

"O Carnaval Carioca, no princípio deste século, já começava a renunciar às práticas do entrudo. Repudiava o estúpido lançamento de baldes de água, o arremesso de punhados de farinha de trigo, de limões cheios de líquido nem sempre odoroso, e buscava novos divertimentos.

"Surgiam, então, pouco depois, os conjuntos denominados '*Zé Pereira*' de criação atribuída a um português de nome José Nogueira de Azevedo Paredes, e que reunia alguns homens forçados a martelar incessantemente bombos enormes fazendo barulho ensurdecedor. O '*Zé Pereira*' evoluiu para os "*cordões*" propriamente ditos (pois essa denominação servia, também, para designar qualquer grupo carnavalesco" (1).

O abre-alas era constituído de grupos de índios que, em grande número e com evoluções imitativas dos nossos selvagens, sopravam chifres de boi como cornetas, produzindo silvos e inventando palavras imitando o linguajar dos silvícolas. Arcos e flechas completavam a ilusão carnavalesca. As armas indígenas eram empunhadas como se, com elas, os falsos índios fossem atacar o povo.

Depois do abre-alas, vinha o ponto alto dos cordões - o estandarte. Considerando como o símbolo, a bandeira que particularizava cada cordão, o estandarte era confeccionado com luxo e criatividade. Bordados à mão ou pintados com capricho, os estandartes tinham tanta importância no carnaval da época que eram exibidos nos balcões de jornais, bem antes do período de Momo. O Jornal do Brasil e a Gazeta de Notícias estimulavam a criatividade dos carnavalescos, concedendo prêmios aos cordões que apresentassem os estandartes mais bonitos, ricos e originais.

Mascarados, usando fantasias, os carnavalescos do cordão constituíam uma massa heterogênea em que palhaços, diabos, baianas, caveiras, Clóvis se misturavam com príncipes, princesas e "velhos" usando enormes máscaras.

A figura do "Velho" era de grande importância no cordão. Pretos ou bran-

cos, eles constituíam uma atração comparável aos destaques das escolas de samba de hoje. Apoiados em grandes cajados, exibiam-se em evoluções, caminhando com dificuldade como se carregassem realmente o peso dos anos.

A dança dos "Velhos", seus passos e os volteios que eram chamados de "letras", era considerada um ponto importante para o sucesso dos cordões. Havia um verdadeiro confronto entre "Velhos" dos cordões. E o aplauso popular consagra os que melhor desempenhavam esta função carnavalesca. A complicada coreografia, muitas vezes demorando mais de 1/2 hora, dos "Velhos", a técnica e o virtuosismo demonstrado em suas "letras", contribuíam para que os cordões em que se apresentavam fossem vencedores da preferência popular.

Os cordões eram dirigidos por um mestre ou chefe que, usando um apito, comandava o grupo.

"A grande era dos cordões foi o início do século XX. Em 1902 formaram-se tantos, que só nesse ano a polícia licenciou duzentos. Nesse ano nasceram 'Os Teimosos da Chama' e o 'Grêmio Carnavalesco Dália de Ouro'".

Em 1905, aumentou de tal modo o número de cordões que o jornal O País declarou que se nenhum clube saísse à rua, mesmo que não houvesse passeata das grandes sociedades, só o desfile dos cordões já seria garantia de um magnífico carnaval.

Em 1906, a Gazeta de Notícias promoveu o primeiro concurso entre os cordões: o mais luxuosamente trajado ganharia o primeiro prêmio, um rico estandarte, e o segundo lugar seria para o mais original: "Uma menção honrosa em artística bandeira". Foi tão grande o número de concorrentes que a Gazeta se viu obrigada a desdobrar os prêmios: 2 estandartes e várias menções honrosas (2).

Os cordões costumavam exaltar e enaltecer o tipo de beleza da mulher brasileira - a morena. Por muitas décadas, somente a morena foi cantada e decantada nos festejos momísticos. Só bem mais tarde, a loura passa a ser também enaltecida, já no samba.

Os temas das músicas, cantadas pelos cordões em seus desfiles, iam desde as poesias mais românticas e singelas, passando pelos rouxinóis, pela rosa, pela morena, até o chorar das desgraças nacionais, caricaturando ou enaltecendo os acontecimentos pátrios.

"Briguento, arruaceiro, o cordão reunia entre seus componentes famosos capoeiras, gente que nos encontros ocasionais ou propositados, com os adversários, botava o pau pra comê" (3).

"Em 1907 a Polícia-Federal proibiu a saída de dois: 'Teimosos da Gamboa' e 'Teimosos das Chamas'. A rivalidade entre eles crescera de tal modo que os conflitos entre os dois tornaram-se inevitáveis" (4).

"Com o intuito louvável, aliás, de evitar os conflitos entre os cordões e grupos carnavalescos nas competições de rua, foram postas em prática medidas policiais, que tiveram efeitos contrários à existência dos cordões, pois impediam as referidas medidas que os grupos e cordões se encontrassem nas ruas para as danças, de maneira que, sendo essa a sua verdadeira concepção, ou finalidade; em pouco desapareciam eles, surgindo então os ranchos de efeitos diferentes completamente dos cordões e grupos" (5).

José Ramos Tinhorão em seu trabalho Música Popular, confirma essa observação (p.80).

Em 1911, desaparecem os cordões, surgindo, em seu lugar, os ranchos. Esses deram nova feição ao carnaval carioca, cabendo a primazia da transformação aos ranchos "Ameno Resedá" e "Flor de Abacate". O "Ameno Resedá" veio a ser considerado, mais tarde, como um marco na história do carnaval brasileiro.

"O Ameno Resedá, ao ser fundado, trouxe como uma de seus pretensões não apenas criar uma novidade no carnaval carioca para fugir ao que lhe era comum e até mesmo tradicional. Seus organizadores cuidaram, e principalmente isto, de que a renovação a ser feita tivesse qualidades artísticas em todas as suas facetas ou aspectos. O sentido popular intuitivo para lograr boa recepção não seria, no entanto, desprezado.

Tendo em conta o cunho dos festejos carnavalescos, mesmo sem tentar erudição, a realização seria esmerada, de bom gosto, com o escopo de agradar o mais possível. O rancho deveria ser, como acabou sendo, uma 'escola' onde os co-irmãos pudessem aprender novas maneiras de formação de um cortejo, de constituição de um préstito. Ensinar a como juntar, para resultado brilhante, roupas, alegorias plásticas, luzes e musicalidade. A soma de todos esses elementos bem dosados de arte daria, como sempre deu, um espetáculo feérico, atraente, deslumbrante" (6).

Com este objetivo, a nova sociedade procurou trazer para seu quadro grande número de carnavalescos conhecidos que, junto aos entusiasmados componentes fundadores, contribuíram para a merecida fama do "Ameno Resedá."

Para se ter uma idéia, músicos categorizados como Zé do Cavaquinho (José da Silva Rabello); Quincas Laranjeiras (José da Conceição), excelente vio-

lonista e exímio chorão; Henrique Martins (ex-trombonista da Orquestra do Teatro Municipal) e os pistonistas da Banda do Corpo de Bombeiros, dirigida pelo maestro Anacleto de Medeiros, participavam gratuitamente dos ensaios e dos desfiles do rancho.

"Muitos músicos de renome foram atraídos pela sociedade, graças à auréola de seu alto padrão artístico, nela ingressando com entusiasmo, dispostos a colaborar na manutenção de tal categoria, e mesmo elevá-la mais. José Barbosa da Silva, o popularíssimo 'Sinhô' cognominado o 'Rei do Samba', uma das glórias da música popular brasileira, fez parte da orquestra do "Ameno Resedá" tocando flauta e violão" (7).

Jota Efegê em Figuras e coisas do carnaval carioca informa: "Em 1940 já os ranchos estavam no ocaso. Os poucos que persistiam no carnaval apenas mantinham viva a tradição gloriosa do "Ameno Resedá", do "Arrepiados", do "Flor do Abacate", do "Recreio das Flores" e tantos outros. Não mais constituíam a atração que foram nos anos de 1910 a 1930 (talvez um pouco antes). As escolas de samba evoluíram, numerosas, esbanjando luxo.

Haviam deixado de ser os simples blocos, grupos ou embaixadas com as baianas gingando na batida dos tambores, dos pandeiros e as cuicas intercalando o seu mugido" (pág. 176).

Ninguém mais se recordava dos cordões como foram retratados anteriormente. Eles passaram a existir no arquivo da memória popular, na lembrança daqueles que os viveram ou assistiram seus desfiles na primeira década do século.

"A gente que, em 1940, jamais havia visto um autêntico cordão ia conhecê-lo, graças ao espírito revolucionário e audacioso de Heitor Villa-Lobos. Então, no dinamismo com que sempre caracterizava seus empreendimentos, o nosso famoso músico resolveu fazer ressurgir em plenitude, na maior fidelidade possível, um verdadeiro cordão. Não um simples arremedo, uma boa ou perfeita imitação capaz de convencer e até de agradar os não entendidos.

Villa-Lobos queria fazer ressurgir um cordão tal como o foram o "Terror das Chamas", o "Pavor dos Inocentes do Morro do Pinto", o "Prazer da Pedra Encantada" e tantos mais. Todos de nomes pouco (ou nada) poéticos, mas de notória agressividade. E formando uma assessoria de entendidos do riscado, buscando a cooperação de vários integrantes de velhos cordões, dentre eles o famoso Pai Alufá, José Gomes da Costa, de apelido Zé Espinguela, iniciou os preparati-

vos." (8)

O nome já estava decidido: "Sodade do Cordão".

Condizente com o enredo do cordão que era uma revivescência dos carnavais do início do século, como bem mostra o "extrato dos estatutos", publicado na Secção I do Diário Oficial de quarta-feira, 17 de janeiro de 1940 (Anexo I), foi nomeada uma comissão para dirigir os festejos carnavalescos do Cordão, tendo como seu Presidente José Gomes da Costa (Anexo II).

D.Zica, importante figura da Mangueira, nos deu a seguinte informação: "Villa-Lobos conheceu o Zé Spinelli aqui na Mangueira, pois ele morava no Irajá mas não saía daqui. O Zé Spinelli foi também um dos fundadores da Mangueira".

Os filhos de Zé Espinguela, Wilson e Crispim Gomes da Costa informam, em seus depoimentos: "Os ensaios eram sempre aos domingos das 16:00 às 20:00hs. O maestro vinha sempre aqui com a patroa dele. Naquela época o endereço era Travessa Violeta nº 29, Irajá, depois é que passou a ser Rua Barão de Jaguarí nº 52. Não tinha morro nenhum. O lugar é o mesmo, só mudou o nome. Na época não havia luz, água, nem asfalto. Era rua de terra. O maestro disse aqui não entendia muito. Nesse assunto ele estava por fora, ele era famoso na música. Tudo era o Spinelli. O velho era muito animado; ele fazia de tudo e era muito respeitado e conhecido. A nossa casa era muito frequentada por Cartola, Paulo da Portela, Ary Barroso, Carlos Cachaca e Villa-Lobos.

O pai era o índio Tuchau e desfilava com um lagarto vivo, mas tinha palhaços, clóvis, diabinho, velhos, sapos, índios e a folia (que era uma fantasia cheia de guizos). Eu desfilei junto com minha mãe na ala dos velhos e meu irmão Crispim desfilou de morcego branco. Quando terminou tudo, nós levamos todas as roupas para o maestro Villa-Lobos, lá no Conservatório da Urca. Naquela época era uma verdadeira viagem! O pessoal chamava o velho de uma porção de nomes, Zé Spinelli, Zé Espinguela, Pai Alufá, mas o nome mesmo era José Gomes da Costa. Muita coisa eu não sei, porque quando o pai morreu eu tinha 11 anos e naquela época criança não partilhava de conversa de adulto".

Ouvindo o depoimento de Tia Rosinha, gravado para o arquivo sonoro "Memórias da Riotur", pudemos acrescentar mais alguns detalhes a respeito de Zé Spinelli. Tia Rosinha, comadre dele, e prima da porta-bandeira Mocinha, frequentava as festas na casa do Spinelli desde os tempos do Engenho de Dentro. Ela foi também uma das pastoras do Grupo do Pai Alufá, tendo participado das gravações para o maestro Stokovski no navio "Uruguay". O Spinelli, segundo

ela, foi índio Tuchau (chefe).

O Spinelli primeiro morou no Engenho de Dentro, depois na Barão de Jaguari, que era onde tinha o Centro e onde nasceu o "Sodade do Cordão". Ali havia reuniões de música com Ismael Silva, Nelson Cavaquinho, Paulo da Portela, Cartola, etc. Quando terminava a função, começava o pagode. Ele nasceu em 1901 e morreu com 42 anos (por volta de 1943).

Villa-Lobos quis reconstituir o verdadeiro espírito carnavalesco retratado pelo "Sodade do Cordão". E para isso, nenhum detalhe escapou à sua aguçada percepção. Como exemplo da preocupação do maestro pela perfeita apresentação do cordão, podemos lembrar o texto publicado em O Globo de 02.02.1940, que transcrevemos a seguir.

"Pronto para desfilar o "Sodade do Cordão", o repórter estranhou que a "Rainha dos Diabos" esteja com a barba por fazer.

O maestro Villa-Lobos explica:

- A rainha é homem.
- Homem?
- Sempre foi e conservamos os costumes dos velhos carnavais, com suas tradições e seus aparentes erros".

Em todas as manchetes de jornais havia menção ao acontecimento. O "Sodade do Cordão" estava sendo o ponto alto do Carnaval de 1940, uma verdadeira apoteose. O Correio da Manhã, de 6 de fevereiro de 1940, dedicava quase que a capa inteira ao evento e assim o retratava:

- "Sodade do Cordão" - Embaixada que veio lembrar o Momo dos bons tempos. Um pouco daquele carnaval gostoso, ingênuo, cheiroso, animado, que a batuta em férias de um maestro brasileiro ressuscitou para o carioca de hoje.

Até as duas horas estava bastante pacífica a Feira de Amostras. Foi precisamente a esta hora, a marcada para o início do "Sodade do Cordão", que o povo começou a entrar, mas a entrar em massa em grandes bandos. Entraram de repente e encheram o vasto recinto em meia hora. Não escapou nada durante esta meia hora. Quando circunvagamos os olhos pela Feira até pelos telhados havia gente. E o carioca provou que se não é macaquito pela mania de imitação, é realmente macaco na hora de subir em alguma coisa.

Lá pelas tantas os observadores assinalaram algo à vista. O maestro Villa-Lobos apareceu no meio do grande quadrado onde se exibiria o Cordão e desapareceu de novo ... Esperou-se mais. Nada. De vez em quando, partido de algum

grupo, propagava-se o tradicional grito:

- Tá na hora! Tá na hora!

Muita gente já se impacientava e queria ir embora, protestava, prometia vaias tremendas ao Cordão inteiro se demorasse mais cinco minutos. Isto eram quatro e pouco.

O Cordão só entrou às cinco mas dissolveu todas as impaciências".

"Acolhido com palmas pelo numeroso público que lotava as alamedas, os componentes do cordão caminharam cantando: Adeus, bela morena,/Em teu nome ouvi falar./ Vamos ver o Sodade do Cordão/ Que saiu a passar." (9).

Os primeiros a se apresentar foram os índios, caracterizados com perfeição, nos enfeites e indumentária. No meio dos índios, a atriz Anita Otero (escolhida por Villa-Lobos para ser a Rainha dos Caboclos) com o estandarte do grupo, que representava uma vitória-régia, sustentada por um sapo e presa por dois bодоques cruzados, tendo de cada lado, cobras vermelhas e verdes.

A beleza fascinante da atriz, a harmonia do seu bailado, era realçada pela coreografia dos bailarinos, entre eles o célebre Perna Fina que causava admiração com as figurações da dança as já famosas tesoura, corta-jaca e miudinho.

Os índios traziam na mão bichos vivos e um deles, o Zé Espinguela dava beijos na cabeça de um lagarto. Juntamente com os índios entravam os caboclos, o cacique-chefe, a rainha dos caboclos, os caciques, os guerreiros, os caçadores, o pagé e Tupan. Logo a seguir 14 sapos-homens, com enormes máscaras de papelão imitando sapos, chefiados pelo monstro do Rio Amazonas. Bem mais atrás (10 metros), vinha o grupo dos velhos, palhaços, rei e rainha dos diabos, diabinhos, morcegos, e o segundo estandarte, máscara agigantada de um ameríndio zangado, carregada por um homem extraordinariamente robusto e musculoso.

A invasão do ambiente dos índios e caboclos pelos velhos, diabos, e todos os componentes do 2º grupo, fez com que os primeiros se aproximassem selvagememente e com ameaças, roçando o estandarte da Vitória Régia no do Ameríndio, como se fosse uma instigação, uma batalha. Aos poucos, esse clima de animosidade foi melhorando até que todos se confraternizaram e se cumprimentaram numa euforia incomum, culminando com o beijo dos dois estandartes em sinal de paz e alegria.

Depois disso, como sinal de confraternização, todos dançaram na grande praça central da feira ao ritmo das zabumbas, reco-recos, chocalhos, surdos, tamborins, pratos de louça e cornetas de chifre.

O Diário de Notícias de 06.02.1940, publicou o seguinte:

"Formaram o cordão as seguintes figuras:

- Grupo de Índios e Caboclos:

* José Gomes da Costa (Cacique-Chefe)

* Annita Otero (Rainha dos Caboclos)

* Joaquim dos Santos (Cacique)

* Manoel Marinho dos Santos (Pagé)

* João da Matta (Tupan)

* 40 índios e caboclos

* 14 sapos-homens

- Grupo do Cordão dos Velhos (velhos e velhas):

* Delfino Euzébio Coelho, Gastão Ferreira da Silva, Valentim José Marcellino, Geraldina Gomes da Costa (mulher de Zé Spinelli), Dalvina Regis, Wilson Gomes da Costa (filho de Zé Spinelli), Alberto Ribeiro da Motta, Alamiro Honorato da Motta e Francisco de Mello Alburquerque.

- Palhaços:

* Francisco Henrique dos Santos, Wenceslao Rodrigues, Lourival Gomes da Costa (filho de Zé Spinelli), Claudionor Rodrigues Marcellino, Valentim Bento Gonçalves, Balduino dos Santos Júnior e José Domingos do Amorim.

- Rei do Diabo: Roque Olivio Gomes

- Rainha dos Diabos: Gabriel Rufino Ribeiro

- Sargentos:

Antenor dos Santos, Joaquim Vieira, 10 diabinhos e 2 morcegos (um destes morcegos era Crispim Gomes da Costa, filho de Zé Spinelli).

- Mestre de Canto e Bateria: Boaventura dos Santos

- 2º Mestre: Oswaldo Cardoso.

- 40 executantes (bateria e coro)".

Intelectuais, jornalistas musicistas, homens de letras, autoridades do governo prestigiaram o maestro Villa-Lobos, aplaudindo mais esta criação de um apaixonado pelas manifestações da cultura popular. A imprensa deu grande cobertura ao desfile, contribuindo para a divulgação do evento.

Assim, podemos ler no O Globo de 03.02.1940:

"O maestro Villa-Lobos com o seu grupo 'Sodade do Cordão' vae reviver este ano o Carnaval de 1900. O 'Sodade do Cordão' se exhibirá na Feira de Amstras, na segunda-feira, às 14 horas, e na terça, às 13 horas".

Também o Correio da Manhã de 04.02.1940, assim noticiava o acontecimento:

"O maestro Villa-Lobos, um apaixonado estudioso do riquíssimo mundo folclórico brasileiro, acaba de dar os últimos retoques aos ensaios a que vinha submetendo a enorme legião dos seus auxiliares. Não há, entretanto, invenção e sim estilização de coisas muito do Brasil e do Carnaval. 'Sodade do Cordão' apresentará ao público um espetáculo de arte puramente brasileira, inspirado na bizarra concepção estética do gênio nativista à época colonial".

E o Diário de Notícias de 03.02.40:

"Há uma grande curiosidade em torno da apresentação do 'Sodade do Cordão', iniciativa do maestro Villa-Lobos sob o patrocínio do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda). Pai Alufá é o Cacique-Chefe, embora todos obedecam à orientação artística do maestro Villa-Lobos. Bailados, cantos, indumentária, lendas amazônicas, tudo obedece à inspiração pitoresca das mais profundas camadas populares do Brasil. Terminado o desfile o 'Sodade do Cordão' seguirá o itinerário que a polícia determinar".

O Jornal do Brasil de 06.02.1940 também comentou a iniciativa de Villa-Lobos:

A apresentação esse ano do 'Sodade do Cordão' um bloco carnavalesco baseado em motivos do carnaval antigo, está constituindo a nota de maior sensação. Entregue a capacidade artística do maestro Villa-Lobos a interessante organização carnavalesca promete empolgar a cidade.

Ontem realizou-se na Feira de Amostras a primeira exibição do original cordão e o seu desfile está marcado para hoje depois de uma concentração na

Praça Tiradentes. Daí desfilará pela rua da Carioca, rua da Assembléia, Avenida Rio Branco e Rua Santa Luzia".

A Noite, de 07.02.1940, publicava:

"O Sodade do Cordão foi, sem dúvida, o ponto culminante do Carnaval de 1940. Merece um registro especial o número de autoridades e artistas que compareceram à Feira compartilhando com o povo as agruras de um sol causticante".

"O Sodade do Cordão organizado pelo maestro Villa-Lobos constituiu a nota original do Carnaval deste ano. O desfile do cordão evocativo foi acolhido com retumbantes aplausos de uma grande massa popular".

Na mesma data, saiu no O Globo:

"Como toda gente esperava, o 'Sodade do Cordão', organizado pelo maestro Villa-Lobos, constituiu uma nota diferente no Carnaval deste ano".

O entusiasmo que levou Villa-Lobos a solicitar o patrocínio da Prefeitura, do DIP e a tirar dinheiro do próprio bolso para realizar seu sonho, era perfeitamente compreensível. Saudosista e grande folião, o maestro não se preocupou em fazer reviver um cordão apenas pelo aspecto cultural. A nosso ver, ele sentia a necessidade emocional de viver novamente aquilo que, em sua meninice e juventude, havia sido tão importante.

"Villa não dispensava o bloco de sujo na segunda-feira de carnaval. Reunia os amigos mais da intimidade e rumavam para a Praça Onze. Uma vez, garoto ainda, me incorporei a esse bloco, e graças a isso assisti a uma batucada ainda das antigas. O tempo levou de memória letra e música do que cantavam. Ficou o espetáculo.

Uma roda imensa onde todos cantavam o estribilho. Para o centro ia um dos batuqueiros, improvisando versos, exibindo passos. Findo seu recado, chegava-se a um outro, figurava uma coreografia de capoeira terminada em reverência, convite para o outro mostrar do que era capaz. E os assistentes aplaudiam, vivavam, provocando baba em Villa-Lobos, sempre atento às manifestações de nossa cultura popular".....

No ano que me deixou uma baiana grudada nos olhos para sempre, Arthur Rubinstein terminara sua temporada de concertos já nas proximidades do carnaval. Grande amigo de Villa-Lobos, tendo emprestado a autoridade de seu nome para torná-lo conhecido na Europa, aceitou o convite do compositor para ficar

mais uns dias no Rio e ver nossa festa maior. A saída do bloco do maestro se dava sempre no maior estardalhaço, o que provocava inevitáveis protestos de Lopes Trovão, pois lhe perturbava a espera sossegada do último carro.-----

E liderando o bloco no auge da alegria, como também de uma total falta de jeito e cadeiras convenientemente moles para o remelexo, lá ia Arthur Rubinstein metido na pele da única fantasia que tinha sido possível arranjar-lhe à última hora: uma baiana deslumbrante, com torso de seda e tudo" (10).

Várias vezes nos perguntamos: por que o "Sodade do Cordão" só desfilou em 1940? O sucesso do seu desfile tendo sido tão grande, por que não foi repetido no ano seguinte? Wilson e Crispim Gomes da Costa, filhos de José Gomes da Costa, nos deram a resposta: "O pai logo em seguida ficou doente e não dava para fazer essas coisas sem ele. Ele morreu muito jovem ainda, em 1943".

Maria Augusta F. Machado da Silva, no Boletim Técnico-Cultural do Museu Villa-Lobos, Ano II, nº 1, de 1984, à pág. 3, nos dá uma outra versão:

"Recortes de jornais, colecionados pela senhora Arminda Villa-Lobos contam que, em 1941, "Sodade do Cordão" voltou a se apresentar, embora desfalcado em consequência de dissensões internas entre seus componentes".

"Como num mágico movimento de batuta, O Museu Villa-Lobos incorpora seu homenageado e reedita seu gesto. O "Sodade do Cordão" volta a sair no Carnaval de 1987, ano do centenário do compositor, com desfile certo no dia 5 de março (data de seu aniversário), uma quinta-feira após cinzas" (11).

"Com grande produção cênica e musical o "Sodade do Cordão", 47 anos depois de seu primeiro desfile, tem o mesmo enredo com que o bloco se apresentou em sua primeira passagem: Recordação do Passado.

A índia destaque será a atriz e bailarina Rita Freitas, que estará ocupando o lugar que no passado foi da atriz Anita Otero.

O Mestre-Sala Cacique será o bailarino Carlos Jesus, que vai reviver José Espinguela. O grande passista em 1940 foi Perna-Fina, que será homenageado por Carlos Ramos, também bailarino.

Como fonte de inspiração para a criação das fantasias, o grupo do Museu Villa-Lobos tem 17 aquarelas pintadas por Di Cavalcanti, a pedido de Villa-Lobos, e que representam figuras marcantes nos cordões" (12).

Não é motivo de admiração para ninguém que esta iniciativa de homenagear o nosso grande músico, revivendo o "Sodade do Cordão", tenha sido

tomada por uma equipe formada por Frederico Bonfatti Teixeira Monteiro, Grace Elizabeth, Jânio Paulo, Lígia Santos, Marcelo Rodolfo, Márcia Ladeira, Maria Cristina Mendes, Mário Lago Filho, Mário Otávio Vieira, Martha Clemente, Paulo Gouvêia e Valdinha Barbosa.

Equipe essa, liderada por Turíbio Santos, ele também músico de categoria excepcional. Turíbio Santos tem sido o maior divulgador da obra violonística de Villa-Lobos no Brasil e no exterior.

NOTAS DO CAPÍTULO

- 1) EFEGÊ, Jota. Ameno Resedá: o rancho que foi escola. p.65.
- 2) ENEIDA. História do carnaval carioca. p. 124-5.
- 3) EFEGÊ, Jota. Figuras e coisas do carnaval carioca. p. 177.
- 4) ENEIDA. Op. cit. p. 130.
- 5) EFEGÊ, Jota. Ameno Resedá: o rancho que foi escola. p. 74.
- 6) _____. p.98.
- 7) _____. p. 102.
- 8) EFEGÊ, Jota. Figuras e coisas do carnaval carioca. p. 177.
- 9) _____. p. 178.
- 10) LAGO, Mário. Na rolança do tempo. p. 151.
- 11) JORNAL DO BRASIL. 20.01.87. p. 1.
- 12) Idem, 14.02.87. Cidade. p.5.